

1

Você está começando o livro dos começos.

2

Comece por onde quiser.

3

Comece quantas vezes quiser.

4

Você pode escolher um começo ou ser escolhido por um começo.

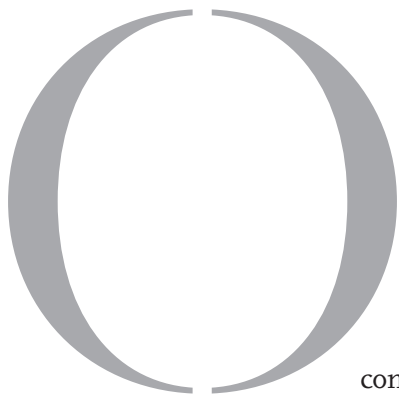
5

Para o segundo caso, decida um método (fechar os olhos, jogar moedas etc.) e selecione um começo aleatoriamente. Esse será o seu começo.

PROVA AUTORAL FINAL

P

Para começar é preciso um salto. Saltar o começo, que se planta na página e que está pronto para a ordem, solícito. É preciso saltá-lo para que ele fique observando, frustrado, sua ausência. Que ele corra atrás das palavras que já o saltaram e nunca as alcance, porque as palavras vão velozes e ele está atrasado, aflito, e elas estão além e quando ele finalmente pensa que agarrou o pé de uma delas e morde a barra de sua saia em desespero, o texto já está chegando ao fim, e ele puxa a saia, esgarça o tecido, mas a palavra já escapou, o fim se avizinha e o começo está lá, parado, sentindo que o peso da palavra agarrada é, na verdade, leve, porque é só a saia, e ele foi empurrado para trás, de volta ao meio e lá ele não cabe. Ele está só, parado no meio e tudo já terminou.



começo é o mais difícil. Cada som que antecede a primeira palavra deve ser pesado e medido, para que ela não se sobreponha ao silêncio. Ela aparece como a aba do chapéu de um espião, que se entrevê atrás de um arbusto. Só um rabicho preto, por onde se adivinha seu conteúdo. Talvez seja a palavra “casa”, porque só se veem as curvas superiores. Mas pode ser a palavra “rasa”, e não se pode confundi-las, sob pena de que todo o resto do texto se comprometa. Quando uma palavra avança sobre o espaço e ocupa seu lugar na linha, ela pode arrastar uma enfiada de ideias que vêm não se sabe de onde, nem para onde, nem por que, e cujo arranque é irrefreável. Você corre atrás delas, mas elas estão sempre adiantadas e você quer encontrar aquela palavra, a palavra certa para dizê-la, mas não adianta, elas querem dizer muitas coisas. Você vai sentir falta do silêncio antes de ter escrito aquela primeira palavra, vai se arrepender, mas não será possível voltar atrás, porque uma vez a palavra lançada, ela se entusiasma e conclama suas colegas para que a acompanhem e você só fica ali, atônito, observando os caminhos ridículos que elas escolhem percorrer. Por isso é melhor não começar. Resignar-se ao mutismo, que é sempre mais confortável e não corre o risco de dizer muito mais do que se quis, além de poder significar qualquer coisa. É sério e confiável. Não é como as palavras, que se vendem por qualquer possibilidade de exibição.



começar é fácil. Antes que a pessoa se dê conta, antes que decida, o começo já se impõe. É só mexer o braço, piscar, deslocar um pé mais para a direita ou para a esquerda e já é um começo. Nada definitivo ou grandiloquente é necessário. Mesmo que tenha havido muito esforço de planejamento, muito tempo no desenvolvimento do projeto, nada disso dificulta ou impede o começo. Os problemas verdadeiros, os intransponíveis, acontecem depois: quando se chega mais próximo do meio ou do final. É aí que aparecem o cansaço e a repetição e se estabelece o passado, fonte de todas as dificuldades. No começo não há passado atormentando o caminho; só existe o futuro e tudo se desenha largamente à frente, como se as possibilidades se franqueassem e apenas o fato de ter começado já contivesse a própria conclusão. Os começadores se refestelam na expectativa que se abre e se sentem desbravadores de uma jornada vitoriosa. O pé que pisa o começo, a palavra que lhe dá início é sempre um gozo que se impõe como uma bota de soldado prestes a desfilar. Mesmo que seja uma palavra monossilábica, como “pois” ou “lá”, quando ela se posta no começo soa como “cataclisma” ou “periclitante”. Seguida de um ponto final, então, não há quem a segure. No começo, ainda por cima, há a garantia de que todos darão a devida atenção, mesmo que não se saiba o que é. No começo é possível fingir que se quer alguma

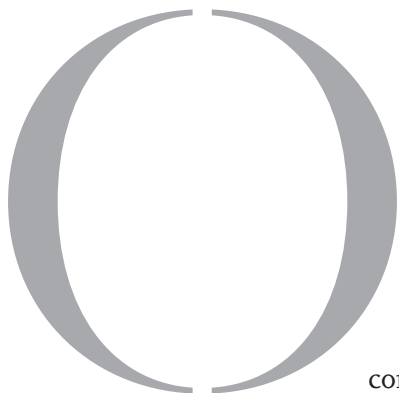
coisa e dar a ela uma aparência de peso, consistência e decisão. Não há solidão no começo; ele é a própria face da companhia que se oferece a todos amigavelmente. O começo diz: “vamos, comece comigo”, ao que todos se sentem livres e pensam como foram tolos de não terem começado, já que era tão fácil. O caminho, para quem acompanha a oferta tão simpática do começo, parece mais aberto e temos então a certeza de que os problemas serão resolvidos.

PROVA AUTORAL FINAL



ão comece. Depois de começar, você se dará conta de que não existe mais caminho de volta. Mesmo que você retorne e tente apagar as pegadas dos passos já dados, eles nunca serão desfeitos. Mesmo que nenhum traço sobre daquelas pisadas, elas foram dadas e, se não há restos aparentes no chão, em você, ao menos, elas nunca mais se apagarão. Por isso, é melhor preservar-se ileso, na visão preliminar do começo e, quem sabe, fingir que se vai começar, para que os tolos pensem que isso de fato vai acontecer. Você se posta na iminência do começo, ensaia uns gestos que aparentam prontidão para ele e pronto. Todos irão embora acreditando que dali certamente sairá um começo, e você fica ali, não começado. Se eles voltarem e perguntarem por que você ainda não deu o primeiro passo, você continua ameaçando dá-lo e todos entenderão que isso não aconteceu por razões sérias e incommunicáveis. Se esse teatro for de difícil execução, retire-se. Escondendo-se, haverá alibis para o fato de você não ter começado e todos entenderão sua recusa. Será como se você não só já tivesse começado, mas como se estivesse no meio. Pense que não começar é a única forma de não disparar um processo incontornável de sofrimento. Mesmo que você só dê um único passo, será como colocar a peça errada no tabuleiro de xadrez. Assim são os começos. Não pense que ao encostar o pé no chão poderá

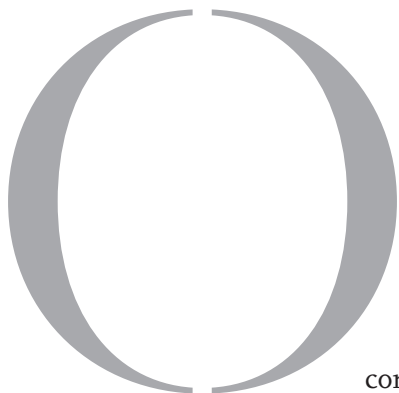
arrepende-se. Basta um gesto; basta inclinar o corpo um pouco para a frente, deslocar o peso das pernas e levantar os dedos. Não os levante. Mas não pense, por outro lado, que será fácil a decisão de não começar. Não pense que poderá simplesmente esquecer-se disso. Não. Os não começadores precisam estar em constante estado de atenção, porque a qualquer momento você pode começar sem nem se dar conta e todo o trabalho de não ter começado terá sido desperdício. Não sobrará pedra sobre pedra e você não será diferente daqueles que nem se importam em começar e vão despreocupadamente começando qualquer coisa que aparece. Não pense que todo o trabalho de preparação mudará alguma coisa. Você será como eles. Por isso, não descanse. Não começar é mais desafiador do que o contrário. A vantagem é que o sofrimento é menor, embora o desgaste tático seja maior. Se o não começador não se mantiver em estado de prontidão para o não começo, desavisadamente ele corre o risco de, num passo em falso, começar alguma coisa. E não só qualquer coisa, como justo aquela que ele mais temia; porque essa é a que fica à espera de um descuido para, num golpe baixo, disfarçar-se de outra coisa e, quando o não começador vê, é ela que se anuncia e o retorno é impossível. Os começos são mais poderosos do que parecem e do que qualquer força de resistência, já que seus meios são capciosos. Por isso, para evitar o começo, não bastam fortificações. É preciso armadilhas mínimas, quase invisíveis, para que eles não se entretêmam pelas beiradas.



começo é o mais triste, porque sempre se começa não porque se quer, mas porque é preciso: algo o obriga, não há saída, sem o começo não haverá o produto, se não se começa não se vai a lugar algum e dizem que é só dar o primeiro passo que o resto flui. Mas o produto não interessa, não se quer ir a algum lugar e o resto raramente é mais do que resto, e por isso o começo não passa do prenúncio de uma infinita falta de identificação. Todos querem que se comece, não custa nada, qual é o grande esforço de se dar um primeiro passo? É como se uma coisa, por ser a primeira, fosse menos complicada do que uma segunda, terceira ou trigésima. É triste saber que depois do começo haverá necessariamente uma continuação, porque nada se basta em apenas começar. Um começo poderia ao menos ser também o meio e o próprio final, daí começar não seria tão amargo, como acionar uma máquina inteira de ações e negociações com o destino. Começar é o mesmo que empreender, disparar, preparar, e tudo isso são coações produtivas, ou pior, bélicas. Não se pode pensar em começo sem luta; todo começo é o começo de uma moral. É um processo que só pode se dividir em três: o começo, o meio e o fim. Se ao menos se pudesse pensar num começo eterno, em que se começasse para se continuar começando, sem passar disso. Mas não. Como é que se determina, uma vez iniciado

um processo, que se está chegando ao meio, que o começo terminou? Dizem que o meio é o fim do entusiasmo, é o trabalho propriamente dito, a etapa mais real. Mas é o fato de que algo precisa ser começado, com a perspectiva de que se atinja, mais tarde, o momento mais difícil e realista, que torna começar tão triste. Por que, simplesmente, não ficar sem começar? Por que não se recusar a ativar qualquer coisa? Por que não se largar no vazio e coincidir com o nada, sem proporcionar nada, sem pôr nada em prática, sem olhar para a frente?

PROVA AUTORAL FINAL



começo não passa de interrupção de algo que já vinha ocorrendo, mas que ainda não tinha recebido nome. As coisas estão em permanente processo até que alguém apareça e nomeie um ponto das coisas como começo. Assim, o começo pode até ser chamado de fim, em nome de uma fúria nomeadora. Mais do que nomear, designar um começo é localizar algo no tempo e condená-lo à temporalidade, já que o começo é um elemento da tríade composta de passado, presente e futuro. O que agora é começo, em muito ou pouco tempo já será passado. Porém, se não nomearmos nada, se não interrompermos as coisas para chamá-las de começo, elas simplesmente continuarão, sem jamais se darem conta de suas partes ou de sua localização no tempo e no espaço e então não estaremos condenados ao meio e ao fim, pois nenhum deles o será. É como cortar algo que passa, represar a correnteza e desviá-la de seu curso para estabelecer um curso que se disfarça de novo, quando é somente uma violação do que já existia. Começar é o sintoma mais forte do desejo de novidade, já que todo começo contém a energia do novo, a que poucos resistem. Logo depois, o novo se desgasta, vira passado e surgem outros começos, outras interrupções do que já vinha acontecendo para que aquela energia se refaça. Não se respeita a energia da inércia, essa sim mais genuína; uma força que se arrasta sozinha e que

se mantém até que sua carga se esgote. É preciso agarrar a inércia, enxertar-lhe forma e significado, até que ela se recomponha e se transforme em começo. Dessa maneira o acontecimento se enfileira, como um soldado a postos, para dar sequência às coisas que de agora em diante se abaterão sobre ele. Ele agora faz parte de uma perspectiva, de um projeto, e terá que se postar obedientemente, para depois ser substituído pelo meio e pelo fim. Ele já avista ao longe, preparando-se, os batedores do meio, que se encaminham para o seu lugar e já lhe lançam olhares temerários. Que o começo não se estenda demais, eles parecem dizer. Que ele não venha com caprichos, retardando o momento da entrada. Que não os atrase, eles dizem. E o começo, que antes vinha embalado, inconsciente de si, no fluxo das coisas, conforma-se cabisbaixo a sua nova condição e aceita seu destino.

PROVA AUTORA FINAL



Como é bom começar. O mundo se abre ao começador como um dia de sol, uma extensão larga e plana, sem vales por descer nem montes a escalar. Escreve-se a primeira palavra com confiança, entusiasmo e a certeza de que muitas outras virão, com energia e vibração semelhantes. Mal é preciso que se saiba qual será o prosseguimento; basta dar início e as coisas surgem espontaneamente, geradas pela força daquele começo, que empresta alegria a tudo que se lhe segue. E assim, para o começador esperançoso, é como se tudo sempre fosse um novo começo, cada nova palavra, cada momento da história. Tudo se reveste daquela ânsia de se saber empreendendo uma jornada que, se imbuída da mesma garra, será bem-sucedida. Na verdade, pouco importa, para o começador, se haverá sucesso; o importante é que houve um começo e isso já é significativo. Aventurar-se no nada, cortar-lhe o desejo de estender-se por todos os cantos, até que tudo se cubra de vazio, é esse o desafio de quem se dispõe a começar. Romper a indolência do silêncio que quer cobrir o mundo de inação e impor a ele um som, um gesto, uma forma. Ou mesmo que seja começar com delicadeza, sem quebrar nada, sem violência, apenas mover um dedo, escrever uma letra, piscar. Não importa como se começa, se com raiva, desejo ou apenas casualmente, como quem nem percebe que está começando, e que só depois,

quando o processo já estiver razoavelmente adiantado, vai se dar conta de que já houve o início. Não importa como. O mais importante é que a inércia se interrompeu e uma história, que sempre, por menor que seja, muda o fluxo do mundo, está a caminho. O começo é uma gestação, um cuidado que se anuncia, é pôr em jogo uma novidade, um outro, e a criação do outro é a razão da vida. Sem começo tudo se perde numa imensidão do mesmo, não existe o tempo, tudo é igual. Começar é coincidir com o próprio tempo, que recomeça infinitamente.

PROVA AUTORAL FINAL



começar ou não começar é a mesma coisa. Se o fim é sempre o mesmo, não faz diferença por onde, quando, por que e como se comece. Ou mesmo até que se comece, porque mesmo se não houver o início, haverá o fim. Mesmo que alguém resolva empreender algo novo, que possa imprimir um significado único a sua vida, algo que vai marcá-lo no presente e também na posteridade, nada disso faz diferença, porque o fim será igual. E se a vida acaba mas as coisas ficam, e então se pode argumentar que vale a pena começar para que algo permaneça em outros tempos e lugares, que diferença isso faz, se mesmo sobre o efeito dessa posteridade também se abaterá o fim? Por isso, se quiser comece ou, se não quiser, não comece, mas não filosofe; isso é uma vertigem narcísica. Quem quer atribuir algum sentido à vida e às coisas, que comece novos projetos, acione pautas, ponha ideias em ação, transforme o passado e crie um futuro, geste seres, trabalhos e obras. Que o faça porque nada poderá impedi-lo já que o que o move é a vaidade e para essa não há argumento. Mas que saiba, ao menos, que qualquer alteração que sua fúria começadora provoque será breve e insignificante; e, se for duradoura, será em vão. Se for grande, poderá ser perigosa. Já quem se mantém na outra vaidade, a de não começar, que não exhiba sua discrição a todos, e que também não esconda, achando que com isso

chamará atenção. Se não quiser, que não comece, mas que tampouco queira atribuir a isso significado subversivo; que os não começadores saibam respeitar os começadores como sujeitos mais crédulos, com uma vaidade menos cínica. Agora, se entenderem que tanto faz como tanto fez começar ou não começar, que tudo não passa de capricho numa tentativa desesperada de perdurar, então saberão que cada um de seus gestos são só parte de uma máquina que nos governa, nos manipula e ri de nós, e que o nome dessa máquina é tempo, ou ainda, morte.

PROVA AUTORAL FINAL



omece como um gato.

Olhe fixamente para alguma coisa e não dê sinal do que fará. Mantenha-se apoiado sobre o corpo como se nada fosse acontecer. Adote a postura de alguém que está prestes a adormecer, mesmo com os olhos arregalados e o tronco em estado de semi-prontidão. Aja como se houvesse iminência e preguiça. Algo importante pode acontecer e isso dependerá de uma decisão casual e incompreensível. De preferência, dê a impressão de que vai agir e, quando tudo estiver preparado para o gesto, desista. Ao contrário, quando ninguém mais esperar que você aja, dê início a algo. Jogue-se sobre a coisa, atire-se e agarre o começo como se fosse destruí-lo, para logo então largá-lo como se ele não tivesse a menor importância. Quando enfim parecer que você desistiu de começar, lance-se outra vez sobre a coisa para então largá-la e assim sucessivamente, até que o começo esteja razoavelmente desfeito. Então desista e parta para outro, com o mesmo mistério e arbitrariedade. Deixe restos de começos espalhados pelo piso, fiapos de coisas desejadas de repente e abandonadas com a mesma facilidade. Mantenha-se sempre acima daquilo a que você dá início; não permita que os começos se sintam lisonjeados por você tê-los adotado. Nem olhe para eles; deixe que outros catem os pedaços que você foi largando e volte à posição de esfinge, em que tudo ou nada pode acontecer. Comece algo e

então durma sobre o próprio começo antes de dar qualquer continuidade, de forma que todos se desesperem, fiquem curiosos sobre o que virá e saiam do lugar achando que talvez nem tenha ocorrido nada. Nunca termine um gesto a que você deu início e não permita que ninguém acredite na ilusão de que as coisas precisam de sequência, porque, afinal, só existe começo para quem acha que existe fim.

PROVA AUTORAL FINAL